

HEARTSONG

Amostra

TJ KLUNE

HEARTSONG

O BANDO

Green Creek, volume 3

Tradução
Nathalia Marques



MORROBRANCO
EDITORA

HEARTSONG: O BANDO

Copyright © 2025 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2018 TJ Klune

Publicado em comum acordo com o autor e The Knight Agency, através de Yañez, parte da International Editors' Co. S.L.

Literary Agency.

ISBN:978-65-6099-074-6

*Translated from original Green Creek: Heartsong Copyright © 2024 TJ Klune ISBN 978-1-035-00223-8.
Published by Tor Publishing Group. PORTUGUESE language edition published by Morro Branco, Copyright © 2025 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.*

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K63o
1.ed. Klune, TJ
Heartsong: o bando / TJ Klune ;
tradução : Nathalia Marques. – 1.ed. –
Rio de Janeiro : Morro Branco, 2025.
544 p.; 14 x 21 cm.
Título original: Green Creek: Heartsong.
ISBN 978-65-6099-074-6
1. Ficção de fantasia. 2. LGBTQIA - Siglas.
I. Marques, Nathalia. II. Título.

06-2025/209

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de fantasia : Literatura norte-americana 813

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs
Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano
Produtora Editorial: Beatriz de Assis

Tradução: Nathalia Marques
Copidesque: Giovanna Chinellato
Revisão: Louise Branquinho
Diagramação: Fernando Ribeiro
Capa: Red Nose Studio
Ilustração miolo: Shutterstock

AVISO: ESTE LIVRO CONTÉM CENAS EXPLÍCITAS E CONTEÚDO ADULTO.



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:



Amostra

*Para todos aqueles que buscam
o caminho de volta para casa.*

Amostra

“Sim, eu tenho truques no bolso, tenho artimanhas na manga. Mas sou o oposto de um ilusionista. Ele lhe dá a ilusão com aparência de verdade. Eu lhe dou a verdade sob o agradável disfarce da ilusão.”

— TENNESSEE WILLIAMS, O ZOOLÓGICO DE VIDRO





grãos de poeira/algo mais

NO MEU SONHO, PEQUENOS FEIXES de luz infiltravam-se pelas árvores de uma floresta antiga. Era seguro ali. Eu não sabia como sabia disso. Simplesmente sabia.

Eu queria correr o mais rápido possível. A coceira enlouquecedora para me transformar rastejava sob minha pele, e eu precisava ceder.

Não cedi.

Folhas estalaram sob meus pés.

Passei a mão pelo tronco de um velho olmo. Era áspero. E depois úmido por causa de um filete de seiva. Esfreguei entre os dedos, pegajoso e morno.

As árvores sussurravam.

Diziam: *aqui aqui aqui.*

Diziam: *aqui é onde você pertence.*

Diziam: *aqui é onde você deve estar.*

Diziam: *isso é BANDO e VIDA e CANÇÕES no ar CANÇÕES que são cantadas porque isso é lar lar lar.*

Fechei os olhos e respirei fundo.

A luz parecia mais brilhante na escuridão.

Pequenos grãos de poeira rodopiavam.

Levei a seiva em meus dedos à língua.

Tinha um gosto antigo.

E forte.

E...

Um rosnado baixo à minha direita.

Abri os olhos.

Um lobo branco estava parado a certa distância entre as árvores. Tinha manchas pretas no peito, nas pernas e nas costas.

Eu não o conhecia.

(ele)

mas pensei que era

(ele)

de algum modo familiar, como se estivesse *bem ali* na ponta da minha língua, misturando-se à seiva de olmo e...

Seus olhos começaram a arder em um vermelho-fogo.

Um Alfa.

Não senti medo.

Aquilo — *ele* — não estava ali para me machucar.

Eu não fazia ideia como sabia disso. Talvez fossem as árvores. Talvez fosse aquele lugar. Talvez fosse a seiva revestindo minha garganta.

— Olá — cumprimentei.

O Alfa bufou, sacudindo a cabeça.

— Não sei onde estou. Acho que me perdi — falei.

Ele arranhou o chão, traçando linhas irregulares na terra e na grama.

— Você sabe onde eu estou? — perguntei.

E ele disse: *you are very far away*.

Ele soava como a voz das árvores.

Ele *era* a voz das árvores.

O Alfa falou: *you do not belong to me you are not mine you are NOT MINE but you could be you could be for the sake of who you are*.

— Não sei quem eu sou — admiti, e foi terrível dizer isso em voz alta, mas, depois que as palavras saíram, eu me senti mais... leve.

Quase livre.

O Alfa deu um passo em minha direção. *eu sei eu sei garoto mas você saberá eu prometo você saberá você é importante você é especial você é...*

Um relâmpago iluminou o céu, e eu vi que estava cercado. Dezenas de lobos se moviam por entre as árvores. Seus olhos eram vermelhos e laranja e *violeta*...

As árvores balançavam de um lado para o outro com o vento feroz.

Achei que eu seria levado pela ventania, carregado para o céu escuro acima e tragado pela tempestade.

Os lobos pararam.

Inclinaram a cabeça para trás em uníssono.

E uivaram.

O som me rasgava por dentro, me *destruía, esmagava* meus ossos até virarem pó. Eu não conseguia me mover, não conseguia respirar, não conseguia encontrar uma forma de fazê-lo parar, e eu não *queria* fazê-lo parar. Isso foi o que mais me afetou, que eu não *queria* que parasse. Queria

ser consumido, sentir minha carne rasgar e sangrar na terra sob meus pés, queria me sacrificar para saber que eu importava, que significava algo para alguém.

O Alfa disse: *não você não pode não é disso que se trata é DIFERENTE isso é MAIS porque você é MAIS e...*

Mãos pousaram em meus ombros.

Uma voz sussurrou no meu ouvido. Dizia:

— Robbie. Robbie, pode me ouvir? Ouça minha voz. Escute. Você está seguro. Eu estou com você. Você poderia me ouvir, meu bem? Por favor.

As mãos apertaram meus ombros, seus dedos cravaram na minha pele, e eu fui puxado para trás, voando pelas árvores. Os lobos gritavam, gritavam, gritavam suas canções de fúria e horror, e enquanto o mundo começava a se partir ao meu redor, enquanto ele se estilhaçava em pedaços como vidro, um lobo saiu das sombras.

Era cinza-escuro, com listras pretas e brancas no rosto e entre as orelhas.

E, em sua boca, carregava...

ARFEI AO ME SENTAR, COM a respiração pesada. Por um momento, eu não sabia onde estava. Havia lobos e árvores, eles estavam se despedaçando, e eu precisava juntá-los novamente. Precisava encontrar todas as formas de fazer as peças se encaixarem, de torná-las inteiras mais uma vez para que eu pudesse...

— Está tudo bem — disse uma voz gentil. — Robbie. Você está bem. Foi só um sonho. Você está seguro.

Pestanejei rapidamente, tentando recuperar o fôlego.

O homem ao lado da minha cama parecia preocupado, as linhas profundas em seu rosto enrugado ainda mais pronunciadas. Ele usava roupas de dormir. Seus pés estavam descalços, e eram magros e ossudos. Seu cabelo já tinha caído havia muito tempo, e manchas senis pontilhavam seu couro cabeludo e as costas de suas mãos. Ele estava curvado, mais pela idade avançada do que pela preocupação. Mas seus olhos eram firmes e gentis, e ele era *real*.

Ezra.

Eu me acalmei imediatamente.

Sabia onde estava.

Estava no meu quarto.

Na casa que dividia com ele.

Eu estava *em casa*.

— Jesus Cristo — murmurei, olhando para o emaranhado de cobertores ao redor da minha cintura e pernas. Eu estava suando, e meu coração martelava contra o peito. Esfreguei o rosto com uma das mãos, tentando me lembrar das imagens residuais que dançavam por trás dos meus olhos.

Ezra balançou a cabeça.

— Os sonhos de novo?

Desabei de volta na cama, cobrindo os olhos com o antebraço.

— Sim. De novo. Achei que já tinha superado isso.

A cama afundou quando ele se sentou ao meu lado. Embora eu estivesse superaquecido, o ar no meu quarto era frio. A primavera estava atrasada aquele ano, e ainda havia um pouco de neve no chão no início de maio, embora fosse principalmente lama suja. Era quase lua nova, ainda repuxando meu subconsciente como um anzol.

Ezra gentilmente afastou meu braço do rosto e pressionou as costas da mão contra minha testa. A preocupação em sua voz era evidente quando ele disse:

— Não pode forçar, Robbie. Quanto mais você tenta, pior fica. — Ele hesitou. — Aconteceu alguma coisa hoje? Você estava quieto no jantar. Se quiser falar sobre isso, meu bem, sou todo ouvidos.

Suspirei enquanto ele retirava a mão. Abri os olhos, encarando o teto. Meu coração estava desacelerando, e o sonho estava desaparecendo. Eu me sentia mais... calmo, de alguma forma. Capaz de pensar. Imaginei ser por causa do homem ao meu lado. Ele era o chão sob os meus pés. O mais próximo de um pai que eu já tivera, e apenas tê-lo por perto era o suficiente para me trazer de volta à realidade.

Virei a cabeça para olhá-lo. Parecia preocupado. Estendi a mão e segurei a dele, sentindo os ossos frágeis sob a pele fina como papel.

— Não é nada.

Ele bufou.

— Acho difícil de acreditar. Você pode até enganar todos os outros, mas eu não sou como eles. E você sabe disso. Tente de novo.

É. Eu sabia disso. Procure as palavras certas.

— É que... — Sacudi a cabeça. — Você já parou para pensar que pode ter algo mais lá fora? Algo maior?

— Maior do que o quê?

— Do que isso. — Eu não conseguia encontrar outra maneira de transformar meus pensamentos confusos em palavras coerentes.

Ele assentiu lentamente.

— Você ainda é jovem. Não é incomum pensar essas coisas. — Ele olhou para nossas mãos unidas. — Na verdade, acho que é bem normal. Eu era assim quando tinha sua idade.

Isso fez com que eu me sentisse um pouco melhor.

— Todos aqueles séculos atrás?

Ele soltou uma risada áspera e seca. Era um som que eu não ouvia com tanta frequência quanto gostaria.

— Engraçadinho — falou. — Não sou *tão* velho assim. Pelo menos, ainda não. — Sua risada diminuiu. — Eu me preocupo com você. E sei que vai me dizer para não fazer isso, mas não vai me impedir. Eu não estarei aqui para sempre, Robbie, e...

Eu grunhi.

— De novo, não. Você não vai a lugar nenhum tão cedo. Não vou deixar.

— Não acho que a decisão será sua.

— É mesmo? Vamos ver então.

A ideia me deixava desconfortável. Ele era tão frágil. Tão quebradiço. Os humanos geralmente eram, e eu não suportava a ideia de acontecer alguma coisa com ele. Era um bruxo, claro, mas havia um limite do que a magia poderia fazer. Certa vez, perguntei o que aconteceria se ele aceitasse a mordida. Falei que poderíamos correr juntos sob a lua cheia, e ele me abraçou forte, esfregando minhas costas enquanto me dizia que bruxos nunca poderiam ser lobos. Sua magia jamais permitiria isso. Ele disse que, se fosse mordido por um Alfa, a magia de lobo e a magia de bruxo o destruiriam. Nunca mais toquei no assunto.

Ele apertou minha mão.

— Eu sei que você faria muita coisa por mim...

— Qualquer coisa — corrigi. — Eu faria qualquer coisa.

— ...mas precisa se preparar. Não pode ficar estagnado, Robbie. O que significa que precisa começar a pensar no que vem pela frente. É sobre esse algo a mais que você acabou de mencionar. E, por mais que eu deseje poder ficar com você para sempre, as coisas nem sempre serão assim.

— Mas não tão cedo, não é? — perguntei rapidamente.

Ele revirou os olhos, e eu o amei por isso.

— Eu estou *bem*. Ainda tenho alguns truques na manga. Não é algo com que precise se preocupar.

— Engraçado ouvir isso de você.

Ele franziu a testa.

— Nem pense que eu não percebi como você fez essa conversa passar a ser sobre mim.

— Não faço ideia do que você está falando.

— Espero mesmo que não esteja achando que eu vou cair nessa. Sobre o que foi o sonho dessa vez?

Virei o rosto para o outro lado. Não conseguia olhar para ele quando falávamos sobre isso. Estranhamente, parecia uma traição.

— Foi o mesmo.

— Ah. Os lobos nas árvores.

— É. — Engoli em seco. — Eles.

— O Alfa branco?

— Sim.

— O que você acha que significa?

Dei de ombros.

— Não sei. — Poderia significar qualquer coisa. Ou absolutamente nada.

— Você o reconheceu?

Balancei a cabeça.

— E tinha outros.

— Muitos.

— E eles estavam uivando.

Cantando, eu quase disse, mas me contive no último segundo.

— Era como se estivessem me chamando.

— Entendo. Tinha mais alguma coisa? Algo diferente?

Sim. O lobo cinza com listras pretas no rosto, carregando uma pedra na boca. Eu nunca tinha visto esse antes. Afastei minha mão da dele e esfreguei a junção entre o pescoço e o ombro.

— Não — falei. — Nada além disso.

Acho que ele acreditou em mim. E por que não acreditaria? Sempre fui honesto com ele. Não teria motivo para pensar o contrário.

— Você sempre teve dificuldade em encontrar o seu lugar — disse ele. — Talvez seja apenas uma manifestação do seu desejo de pertencimento.

— Aqui é o meu lugar. Com você. — As palavras tinham um gosto de queimado. De fumaça e cinzas.

— Eu sei. Mas você é um lobo, Robbie. Precisa de mais do que eu posso oferecer. Esses laços que você fez com o bando... são temporários. Apenas para evitar que você se torne um Ômega. É um fardo para você. Consigo perceber isso, mesmo que você não perceba.

Abri um sorriso forçado enquanto me virava para ele novamente.

— É o suficiente, por enquanto.

Ele deu um tapinha no meu joelho por cima dos cobertores.

— Se você tem certeza... — Ele não parecia convencido.

— Tenho. Não quis te acordar.

Ele riu de novo.

— O sono tem me escapado ultimamente. É normal quando você envelhece. Vai saber disso um dia. Está tarde. Ou, dependendo do ponto de vista, cedo. Tente descansar, meu bem. Está precisando.

Ele se levantou com um resmungo, os joelhos estalando. As mangas de suas roupas de dormir subiram em seus braços, revelando tatuagens antigas que pareciam apagadas e desbotadas.

Ele já estava na porta quando parou e olhou por cima do ombro.

— Você sabe que pode falar comigo sobre qualquer coisa, não é? O que quer que me diga, ficará só entre nós.

— Eu sei.

Ele assentiu. Achei que fosse dizer mais alguma coisa, mas não disse. Fechou a porta atrás de si, e o chão rangeu enquanto ele caminhava pelo corredor de nossa pequena casa em direção ao seu quarto.

Eu ouvi os batimentos do coração dele.

Eram lentos e altos.

Eu me virei de lado, com os braços sob o travesseiro e o queixo apoiado no pulso. A única janela do meu quarto dava para um trecho solitário de floresta.

O sonho já estava desaparecendo. Antes parecia vibrante e vivo, mas agora era quase translúcido. Eu mal conseguia me lembrar do gosto da seiva na língua.

Ouvi os batimentos do coração de Ezra enquanto fechava os olhos.

Não voltei a sonhar naquela noite.



o suficiente/quieto como um rato

NAS PROXIMIDADES DA FRONTEIRA COM o Canadá e às margens do Refúgio Nacional de Vida Selvagem de Aroostook — uma mistura de florestas antigas e novas que pareciam nunca secar —, havia uma cidade esquecida pelo mundo humano.

E era melhor assim.

À primeira vista, Caswell, no Maine, não era nada. Não havia nenhuma rodovia principal por quilômetros. A única prova de que Caswell tinha um nome era uma placa antiga ao longo de uma estrada de duas pistas. A placa, enferrujada e desbotada, era sustentada por dois postes com uma pintura preta descascada. Letras douradas diziam BEM-VINDO A, e letras brancas sobre o fundo preto diziam CASWELL. Abaixo dessas palavras estava escrito FUNDADA EM 1879. Na parte inferior, havia uma pequena pintura de uma árvore com uma casa de fazenda e um silo ao longe.

Qualquer um que encontrasse o caminho para Caswell (geralmente por acidente) veria antigas casas de fazenda e ruas sem um único semáforo. Havia uma pequena mercearia, uma lanchonete com uma placa de néon piscando que dizia BEM-VINDO, um posto de gasolina e um antigo cinema que exibia filmes de tempos passados, principalmente de monstros granulados em preto e branco.

E era só isso.

Exceto que era mentira.

Ninguém vivia nas antigas casas de fazenda.

Havia pessoas que trabalhavam na mercearia, na lanchonete e no posto de gasolina. Até no cinema.

Mas ninguém ficava *em* Caswell.

Porque, logo além dos limites dessa cidade esquecida, estava o Lago Butterfield.

Muros altos o cercavam por todos os lados, com pedras de pelo menos um metro de espessura, reforçadas com vergalhões.

Dentro desses muros havia um complexo.

E era lá que residia o bando mais poderoso da América da Norte — e provavelmente do mundo.

Eu não morava no complexo. Ele fazia minha pele parecer eletrificada. Eu não gostava disso.

Saindo do Lago Butterfield, havia a estrada Woodman, feita de terra e cascalho. Se alguém seguisse pela estrada Woodman até o fim, chegaria a um portão de metal. E, além do portão, mais fundo na floresta, havia uma pequena casa.

Não era muita coisa. Já fora outrora para lenhadores que cortavam as árvores até meados do século XX. Tinha dois quartos. Um banheiro pequeno. Uma varanda com duas cadeiras. A cozinha era suficientemente funcional para dois homens, e era isso. Só isso.

Era o suficiente.

Na maior parte do tempo.

HAVIA DIAS EM QUE EU precisava do silêncio. Ficar longe de todos.

Dias em que eu me transformava e corria pelo refúgio de vida silvestre, sentindo a terra úmida sob minhas patas e as folhas batendo contra o meu rosto. Eu corria até não aguentar mais, com os pulmões queimando no peito e a língua pendendo para fora da boca.

Eu entrava cada vez mais fundo no refúgio, longe das vistas e sons do complexo. Longe dos outros lobos. Longe dos bruxos. Até mesmo de Ezra. Ele entendia.

Eu desabava sob uma árvore centenária, deitado de lado, ofegante. Era o instinto que me guiava até ali, e eu rolava na grama, virava de barriga para cima e deixava o sol aquecer meu ventre. Os pássaros cantavam. Os esquilos corriam e, embora eu pudesse persegui-los e comê-los, geralmente os deixava em paz.

Eu tinha uma relação estranha com as árvores.

Minha mãe me colocara em uma momentos antes de meu pai matá-la.

Eu tinha seis anos.

MEMÓRIAS SÃO COISAS ENGRAÇADAS.

Se me perguntassem o que eu estava fazendo um ano antes, em qualquer dia, eu provavelmente não me lembraria, a menos que alguém me falasse.

Mas eu me lembro dos meus seis anos de idade com uma clareza assustadora.

Pelo menos de alguns dias.

Eram lampejos brilhantes, momentos que formigavam na minha pele.

Eu me lembro de um bando. Éramos em seis. Uma era a Alfa, forte e gentil. Ela encostava o nariz no meu cabelo e inspirava.

Outra era sua parceira, uma mulher mais velha que, quando ria, inclinava a cabeça para trás e segurava os lados do corpo.

Uma era uma mulher chamada Denise. Ela era quieta e bela. Quando se movia, parecia que mal tocava o chão. Eu a perguntei uma vez se ela era um anjo. Ela me pegou no colo e fez cócegas na minha barriga.

Sua parceira era uma mulher negra, com dentes muito brancos e um sorriso malicioso. Ela tinha um jardim. Me dava tomates, e nós os comíamos como se fossem maçãs, com suco e sementes escorrendo pelos queixos.

A outra era minha mãe. O nome dela era Beatrice. E ela era a pessoa mais maravilhosa do meu mundo inteiro. Dormíamos no mesmo quarto. À noite, ela sussurrava para mim e dizia que estávamos seguros ali, que não precisávamos mais fugir. Que poderíamos ter um lar. Que ela jamais deixaria nada acontecer comigo. Eu acreditava nela. Ela era minha mãe.

Eu não entendia por que estávamos fugindo ou há quanto tempo fazíamos isso. Havia noites em que dormíamos em um carro velho que minha mãe orava antes de tentar ligar, dizendo:

— Vamos lá, por favor, Deus, só me dê isso.

Ela girava a chave e o motor tossia e tossia, até que finalmente pegava. Então ela soltava uma risada triunfante, batendo as mãos no volante e sorrindo para mim enquanto dizia:

— Viu só? Estamos bem. Estamos bem!

Denise nos encontrou dormindo no carro, numa estrada de terra, escondidos atrás de um pequeno matagal.

Minha mãe me acordou, apertando-me contra o peito. Olhei para fora pelo para-brisa e vi uma mulher estranha sentada no chão, na frente do carro.

Ela acenou para nós.

— Loba — sussurrou minha mãe.

O carro não ligava.

Não fazia nenhum som.

A mulher estranha inclinou a cabeça para nós. Ela falou em uma voz baixa, mas meus ouvidos eram aguçados, então consegui ouvi-la.

— Está tudo bem. Não vou machucar vocês — disse ela.

Estávamos no território de outro lobo.

Ela nos levou até a Alfa, em uma cabana velha com duas chaminés.

Minha mãe me segurava apertado.

Os olhos da Alfa brilharam em vermelho.

Minha mãe tremia.

— Você tem alguma coisa para comer? Estou com fome — falei.

A Alfa sorriu.

— Sim. Acho que temos. Você gosta de bolo de carne?

Eu não sabia o que era bolo de carne. Disse isso a ela.

O sorriso dela diminuiu.

— Por que não experimenta? Se não gostar, podemos fazer outra coisa.

Eu adorei bolo de carne. Achava que nunca tinha comido algo tão bom antes. Comi até minha barriga doer.

A Alfa ficou feliz.

Nós continuamos por lá.

Na primeira noite, minha mãe se enrolou ao meu redor. Ela beijou o topo da minha cabeça e sussurrou:

— O que você acha, filhote?

Eu bocejei. Estava cansado, e dormir em uma cama pela primeira vez em muito tempo era bom.

— É — disse ela. — Também acho.

Passaram-se dias. Semanas.

A Alfa perguntou:

— E o pai dele?

Eu estava desenhando na mesa da cozinha. Elas me deram todos os gizes de cera que eu poderia querer na vida. Também havia canetinhas, mas a maioria tinha secado porque as tampas estavam faltando.

— Caçador — sussurrou minha mãe com a voz embargada. — Pensei que ele fosse... pensei que ele fosse meu...

Olhei para cima e vi que ela estava chorando. Eu conseguia sentir o gosto disso no fundo da língua. Havia um cheiro azedo no ar, como algo estragado.

Naquele momento, eu não reconheci o que era.

Mais tarde, eu saberia.

Era vergonha.

Antes que eu pudesse ir até ela, a Alfa se levantou e envolveu minha mãe em seus braços. Ela a abraçou apertado e disse que entendia.

O cheiro azedo desapareceu depois de um tempo.

Passaram-se meses. Meses em que ficamos parados e parecia que havíamos encontrado um lugar ao qual pertencer. Éramos como uma árvore, e nossas raízes estavam crescendo no solo, tornando-se mais fortes dia após dia. Nossa cama começou a ter o nosso cheiro. Era bom.

Não durou.

Tudo queimou.

Acordei com o cheiro, e não era como a vergonha.

Era fogo.

Lobos uivavam.

Minha mãe me levantou da cama.

Os olhos dela estavam arregalados e cheios de pânico.

Houve um estrondo alto vindo de algum lugar na cabana, e ouvi gritos de homens. Era a primeira vez em muito tempo que eu ouvia uma voz masculina, porque a Alfa não permitia homens em seu bando. Ela me disse que eles não tinham utilidade e piscou para mim, dizendo que eu seria a exceção. Foi o momento em que me senti mais feliz em muito tempo, porque eu seria um bom homem. O melhor que já existiu. Era o que minha mãe sempre dizia.

Saímos pela janela. Estava escuro quando ela me colocou no chão. Pisei em uma pedra com um dos meus pés descalços e me cortei.

Eu chorei, mesmo enquanto o ferimento começava a cicatrizar lentamente.

Minha mãe cobriu minha boca com a mão e me pegou no colo.

Ela correu. Ninguém conseguia correr tão rápido quanto minha mãe. Eu sempre acreditei nisso.

Mas, naquela noite, ela não conseguiu correr rápido o suficiente.

A árvore para a qual ela me levou era antiga. Centenária. Denise tinha me contado que ela era especial, que era a rainha da floresta e protegia tudo o que estava sob sua sombra.

Na primavera, as raposas tinham seus filhotes no espaço oco na base dela. Estava vazio quando minha mãe me empurrou para dentro. Havia folhas secas e relva ali dentro, e era macio.

Minha mãe se agachou, seus cabelos pretos caindo ao redor do rosto. Ela tinha fuligem nas bochechas, nas mãos. Usava óculos, apesar de não precisar deles. Dizia que faziam ela se sentir melhor consigo mesma. Mais inteligente, de alguma forma. Ela achava isso bobo, mas eu nunca tinha visto ninguém mais bonita.

— Fique aqui — disse ela. — Não importa o que aconteça, não importa o que você ouça, não saia até eu voltar para te buscar. Mesmo que

ouça alguém chamando seu nome, não se mova. É um jogo, lobinho. Você está se escondendo, e não pode deixar ninguém te encontrar.

Eu assenti, porque já tinha jogado esse jogo antes.

— Quietos como um rato.

— Isso mesmo. Quietos como um rato. Aqui, segure isso para mim. —

Ela tirou os óculos do rosto e os colocou no meu. Eram grandes demais e escorregaram no meu nariz. Ela estendeu a mão e tocou minha bochecha.

— Eu te amo. Para sempre.

E então ela se transformou.

A loba dela era cinza como nuvens de tempestade. Tinha linhas pretas no focinho e entre as grandes orelhas.

Ela olhou para mim uma última vez, e os olhos dela brilharam em laranja.

E então ela se foi.

Eu fiquei na árvore. Era um jogo, e eu não queria perder.

Mesmo quando ouvi os lobos ganindo de dor, eu fiquei.

Mesmo quando ouvi homens gritando, eu fiquei.

Mesmo quando ouvi o som de tiros, eu fiquei, embora cobrisse os ouvidos.

Eu fiquei mesmo quando ouvi uma voz chamando meu nome enquanto o céu começava a clarear.

Uma voz masculina.

E era *familiar*, como se eu já a tivesse ouvido antes.

— Robbie, onde você está, filho? Apareça, apareça, apareça — dizia a voz.

— Não me reconhece? — dizia a voz.

— Robbie, por favor. Sou seu papai — dizia a voz.

Quietos como um rato, eu fiquei.

Por fim, as vozes desapareceram.

Mas ainda assim eu fiquei.

Depois, me disseram que eu fiquei naquele tronco oco por três dias. Eu não me lembrava da maior parte disso, apenas de breves momentos em que encontrei uma castanha e a comi porque estava com fome. Ou de quando precisei fazer xixi, então fui num canto, e o cheiro continuou me fazendo engasgar mesmo horas depois.

Por fim, os lobos me encontraram.

Cobriram meus olhos enquanto me tiravam de lá. Perguntaram quem eu era. O que tinha acontecido. Quem tinha feito aquilo.

— Quietos como um rato — falei para eles enquanto me levavam embora. — Vocês têm água? Minha mãe também vai estar com sede.

Ela corre muito rápido. Eu vou encontrá-la. Sou bom em rastrear. Ela não vai fugir de mim.

Vi os restos da cabana, carbonizados e ainda fumegantes.

Nunca mais vi Denise ou sua parceira.

Nunca mais vi a Alfa ou sua parceira.

Mas vi minha mãe uma última vez.

Seu pelo estava cheio de sangue, e eu gritei para as moscas ao redor de sua cabeça, mas os lobos me levaram para longe.

Memórias são coisas engraçadas.

Eu as carregava como cicatrizes.

VISTO DE FORA, O COMPLEXO dentro dos muros ao redor do Lago Butterfield parecia um cartão-postal. As casas eram grandes e bem cuidadas. A maioria delas tinha um cais que descia até o lago. Crianças corriam pelos caminhos de terra, rindo e gritando para a loba gigante que as perseguia. Elas estavam indo até uma casa na extremidade leste do lago, que havia sido convertida em escola. Eu já tinha frequentado uma escola como aquela, longe dali, onde havia aprendido a escrever, a dividir, a rastrear e a distinguir cada cheiro maravilhoso, além de uivar para a lua.

Algumas das crianças esbarraram em mim, agarrando minhas pernas e exigindo que eu as protegesse do grande lobo mau que as perseguia.

Um pequeno filhote — chamado Tony — escalou minhas pernas e meu peito, agarrando-se em mim. Ele entortou meus olhos no rosto enquanto gritava que não queria ser *comido*, me salve, Robbie, me salve!

Eu ri enquanto o girava no ar, e as outras crianças me cercaram, exigindo a sua vez. Rosnei para elas de forma brincalhona, mostrando os dentes. Elas fizeram o mesmo.

— Não sei se consigo salvar você — falei para Tony. — Talvez *você* precise me salvar.

Tony arfou.

— Eu consigo! Estou aprendendo! Veja! — Ele apertou os olhos para mim, cerrando a mandíbula até que seu rosto começou a assumir um tom preocupante de vermelho. E então, apesar de brevemente, seus olhos brilharam em laranja.

— Uau — falei. — Olha só pra você. Está indo muito bem. Vai ser um lobo incrível um dia.

Ele deu um grito de alegria, contorcendo-se tanto nos meus braços que quase o deixei cair. As outras crianças também quiseram me mostrar seus olhos, e a maioria conseguiu fazer com que brilhassem em laranja. As que não conseguiram pareceram desapontadas, mas eu disse que daria certo quando estivessem prontas, e elas sorriram.

A loba que as perseguia — a professora — rosnou baixinho, e eu coloquei Tony no chão. As crianças correram em direção à escola.

— Cheias de energia, hein? — comentei.

Ela bufou, encostando-se em mim, e os laços entre nós se iluminaram. Era como uma corda tensionada vibrando no escuro, reverberando na minha mente. Fechei os olhos com a intensidade disso, e eu...

(eu vejo você)

Dei um passo para trás com a voz estranha na minha cabeça.

Eu não sabia o que era. Não a reconhecia. Não tinha vindo de ninguém que eu conhecia. De ninguém do complexo pelo menos. Ela ecoou na escuridão, e então desapareceu.

A loba inclinou a cabeça para mim, e consegui sentir a pergunta que ela fazia sem precisar de palavras.

Abri um sorriso forçado.

— Estou bem. Não dormi muito esta noite. Grande dia. Sabe como eu fico.

A loba bufou, arranhando o chão. Encostou-se em mim mais uma vez, e o cheiro dela na minha pele era doce e quente. Ela ergueu a cabeça e empurrou meus óculos de volta para o lugar com o focinho. As lentes embaçaram brevemente, e ela bufou de novo quando eu fiz uma careta.

— Tá, tá. Você precisa dar sua aula, Sonari. Anda logo.

Aquele fio entre nós foi puxado novamente, e ela saiu trotando atrás das crianças.

Fiquei olhando ela se afastar. Comecei a sentir um início de dor de cabeça. Esfreguei o pescoço, lutando contra o impulso de me transformar e correr para as árvores. Era uma coceira que eu não conseguia aliviar. Pelo menos, ainda não. Eu tinha um trabalho a fazer.

PESSOAS — TANTO LOBOS QUANTO BRUXOS — acenavam para mim enquanto eu caminhava pelo complexo. Eu respondia com saudações, mas não parava para conversar. Eu precisava ir a um certo lugar, ver uma certa pessoa. Ela não gostava quando eu me atrasava.

Alguns lobos não me aceitavam, mas eu já estava acostumado. Eu ocupava uma posição que eles achavam que eu não merecia, levando em consideração o pouco tempo que estava ali. Eu não dava a mínima para o que achavam. Eu tinha a confiança da Alfa e do bruxo dela, e isso era tudo o que importava.

Mas a maioria era amigável. Diziam meu nome como se estivessem felizes em me ver, como se eu importasse. Inspirei fundo o ar do complexo e da floresta, ouvindo os lobos se moverem ao meu redor, o dia que apenas começava. Era sempre assim desde que eu chegara a Caswell. Tudo muito movimentado, tantas peças trabalhando juntas.

Havia uma casa isolada de todas as outras, no meio das árvores. As crianças não se aproximavam dela. A maioria dos adultos também não. Era uma casa normal, com venezianas verde-escuras e paredes brancas. Mas ficar perto dela era como atravessar um curso de água, e isso me fazia espirrar.

Um lobo estava parado em frente à casa, com os braços cruzados sobre o peito largo, apoiado na porta. Ele acenou com a cabeça quando me aproximei.

— Robbie.

— Ei, Santos. De guarda de novo?

Ele semicerrou os olhos para mim.

— Sorteio, fazer o quê?

— Parece que o sorteado é sempre você.

Ele deu de ombros.

— Alguém tem que fazer isso. — Apontou com a cabeça para a porta atrás dele. — Não é como se fosse difícil. O cara mal consegue se mexer. Desde que eu não tenha que limpar a bunda dele depois que ele se caga, tudo bem por mim. Tem trabalhos piores.

As barreiras ao redor da casa faziam minha pele formigar e meu nariz coçar. Eu não sabia como Santos aguentava ficar tão perto dessa magia. Um código, como um painel metafísico cuja combinação só alguns sabiam, desfazia as barreiras. A maioria não entrava, a menos que Ezra estivesse junto, e mesmo assim era jogo rápido. Ninguém ficava muito tempo com o prisioneiro. Monstros precisavam ser mantidos trancados para o bem de todos. Mesmo assim, eu tinha curiosidade sobre ele, sobre o que tinha feito. Só algumas pessoas sabiam. Eu não era uma delas.

— Ele fala alguma coisa?

Santos balançou a cabeça devagar.

— Você sabe que não. Completamente vazio por dentro. Não sabe nem quem é, muito menos onde está. — Ele fez uma expressão estranha. Não era maldosa, mas desagradável. — Por que você se importa?

Franzi a testa.

— Eu... não sei. Não me importo.

— Claro que não — repetiu ele, com um sorriso cruel nos lábios. Santos não gostava de mim. — Você não tem um compromisso? Ezra passou por aqui já faz um tempo, o que significa que você está atrasado.

Soltei um xingamento.

— Não sei por que ele não me esperou.

— Ele sabe como você é de manhã.

— É. Continue assim, Santos. Vamos ver aonde isso vai te levar.

Ele soltou uma risada zombeteira.

— Claro, Robbie.

Acenei para ele e fui embora. Olhei por cima do ombro para espiar a casa mais uma vez. Pensei ter visto movimento em uma das janelas, mas disse a mim mesmo que era apenas um truque de luz e sombra.

A MAIOR CASA DO COMPLEXO era uma cabana de dois andares com uma ampla varanda coberta que dava para o lago. As janelas estavam abertas, permitindo a entrada do ar fresco. Subi os degraus da varanda e a madeira rangeu sob minhas botas. Hesitei por um momento antes de abrir a porta.

O interior da cabana era espaçoso. Uma lareira ardia intensamente, e lobos se movimentavam apressados pelo andar térreo. Alguns me dirigiam um olhar, mas a maioria me ignorava. Estavam ocupados, e a Alfa de todos gostava de mantê-los assim.

Subi as escadas até o segundo andar, mantendo-me próximo ao corrimão enquanto uma mulher que eu conhecia vagamente descia as escadas às pressas. Ela sorriu para mim ao passar, mas não parou. A casa era barulhenta e estava sempre movimentada, com pessoas indo e vindo.

Cheguei ao topo das escadas. À minha esquerda, cinco portas levavam a quartos e banheiros. À minha direita, havia um armário e um par de portas que davam para o escritório. Senti algo forte pulsar dentro de mim, puxando-me em direção às portas duplas.

Ela sabia que eu estava ali, mesmo que a sala fosse à prova de som.

Fazia parte de ser a Alfa de todos. Eu pertencia a ela, e ela sempre podia me encontrar.

Bati na porta antes de abri-la.

Ezra estava sentado em uma cadeira em frente a uma pesada mesa de escritório. Havia uma cadeira vazia ao lado dele. Ele não se virou para me olhar, mas senti sua magia se enroscar em mim. Eu apreciava essa sensação mais do que a dela. Achava que ela sabia disso, mas nunca tocamos no assunto.

E lá estava ela, sentada atrás da mesa, a Alfa de todos.

Michelle Hughes cruzou as mãos à sua frente e disse:

— Você está atrasado, Robbie.

Amostra



rebeldia explícita/lobinho

ENQUANTO FUGÍAMOS, COM CAÇADORES EM NOSSO ENCALÇO com uma persistência assustadora, minha mãe fazia de tudo para manter as coisas normais para mim.

Às vezes, conseguíamos pagar por um motel barato. Eles eram sempre decadentes e tinham um cheiro horrível, mas ela dizia que precisávamos ser gratos pelas pequenas coisas.

Algumas noites, ela ficava comigo, enrolada ao meu redor, sussurrando suavemente no meu ouvido.

Ela me contava sobre um lugar onde poderíamos ser livres. Onde poderíamos nos transformar e sentir a terra sob nossos pés sem medo de que alguém nos machucasse. Ela dizia que havia rumores sobre um lugar muito, muito longe, a oeste, onde lobos e humanos viviam juntos em harmonia. Eles se amavam, ela sussurrava, porque era isso o que um bando deveria fazer.

E ela me contava outras histórias, pequenas coisas que faziam meu coração doer.

Sobre como o avô dela era doce e amoroso. Ele sempre lhe dava balas de fruta quando ninguém estava olhando.

Sobre a primeira vez que ela se transformara e vira o mundo em tons de lobo.

Sobre como ela havia cometido erros, mas não podia ficar muito brava porque esses erros a tinham levado até mim.

Ela dizia que, em um mundo perfeito, meu pai nos amaria. Que ele não se importaria com o que éramos. Que ele não teria se aproveitado dela. Que, no meu nascimento, as coisas teriam mudado para ele.

Caminhei ao redor da escrivaninha e parei ao lado de uma estante antiga repleta de textos e tomos que guardavam a história dos lobos. Não queria parecer ansioso demais. Ainda estávamos nos conhecendo,

mas tínhamos tempo. Quando a conheci, achei que fosse fria e calculista. Demorei para enxergar além disso. Não era exatamente uma fachada, e sim uma consequência de sua posição. Uma vez que se ultrapassava essa barreira, ela era uma boa Alfa.

E ela confiou em mim.

Me deu um lar.

Eu devia a ela.

Ela se levantou, e eu inclinei a cabeça para trás em deferência, expondo o pescoço. Seus olhos brilharam em vermelho e ela deslizou um dedo ao longo da minha garganta. Seu cheiro era picante e afiado.

— Ezra me disse que você tem sonhado de novo — disse ela em um tom baixo.

Lancei um olhar rápido para ele antes de voltar a encará-la. Michelle era uma mulher baixa, magra e pálida. Mas eu nunca me deixei enganar, nem quando a conheci. Ela era mais forte do que qualquer Alfa que eu já tinha conhecido. Parte disso adivinha do fato de ela ser a Alfa de todos. Parte advinha de sua linhagem. Se as coisas chegassem ao ponto de uma luta, não seria uma luta justa. Ela me venceria facilmente.

— Não foi... — Balancei a cabeça. — Não foi nada. Só um sonho.

— O mesmo de sempre, no entanto. — Ela tamborilou os dedos na escrivaninha.

— Aparentemente — respondi de má vontade.

— E o que você acha que é?

— Nada. Só... provavelmente algo do passado.

A expressão dela se tornou mais suave.

— Ele não pode mais te machucar. Já está morto há muito tempo, Robbie. Os lobos que te encontraram se certificaram disso. Aqueles caçadores se foram.

— Eu sei — falei com sinceridade. — Por isso você não deveria se preocupar. Estou bem. — Sorri para tranquilizá-la.

Ela parecia cética.

— Me conte se acontecer de novo.

— Claro.

— Ótimo. Obrigada, Robbie. Você é um bom lobo. Pode se sentar.

Senti um calor tomar conta de mim com o elogio da Alfa. Dei a volta na escrivaninha novamente, dirigindo um olhar irritado para Ezra por ter dado com a língua nos dentes quando não deveria. Ele ouviria umas coisas mais tarde. Eu não poderia deixar Michelle duvidar de mim.

Ezra me ignorou, como sempre.

Eu me sentei ao lado dele, afundando na cadeira. Ezra chutou meu pé de leve, e eu suspirei enquanto endireitava a postura, com as mãos cruzadas sobre as coxas.

Michelle sentou-se novamente à nossa frente. Pegou o tablet da mesa e começou a digitar na tela.

— Tenho uma missão para você. Fora da cidade. — Ela me lançou um olhar rápido antes de voltar ao tablet. — Na verdade, fora do estado.

Isso chamou minha atenção. Normalmente, quando ela me mandava para algum lugar, era dentro de um raio de poucas horas de Caswell. Havia ramificações de seu bando por todo o Maine, lobos que trabalhavam pelo estado inteiro, principalmente nas cidades maiores, como Bangor e Portland. Viviam em pequenos grupos, trabalhando com humanos que não faziam ideia do que eles realmente eram, principalmente aqueles em posições de poder no governo local. Logo quando cheguei, cometi o erro de chamar isso de sua *estratégia*, e ela imediatamente me corrigiu. Disse que não tinha uma estratégia. Apenas queria expandir o alcance dos lobos. Eu não entendia por que ela precisava fazer isso, já que não havia ninguém tentando se opor a ela. E por que fariam isso? Ela era a Alfa de todos por uma razão. E, embora sua palavra fosse definitiva, não era absoluta. Ela ouvia seu bando, escutava suas preocupações. Se pudesse ajudá-los, ela ajudava.

No começo, achei que os lobos tinham medo dela.

No começo, achei que *eu* tinha medo dela.

Mas há uma linha tênue entre medo e admiração.

Tentei conter minha empolgação.

— Está falando sério?

Ela indicou Ezra com a cabeça.

— Ele acha que você está pronto.

Talvez eu não precisasse gritar com ele, afinal.

— Eu estou.

— Então considere isso um teste — disse ela. — Para ver se ele tem razão.

— Acho que você vai descobrir que eu geralmente tenho — falou Ezra, num tom tranquilo.

A pele ao redor dos olhos dela se contraiu brevemente. Fiquei curioso sobre o que eles estiveram conversando antes de eu chegar.

— Vamos ver, então, não é? Tem um bando na Virgínia. É pequeno, uma Alfa e três Betas. Não temos notícias deles há alguns meses.

Franzi a testa.

— Caçadores?

Ela balançou a cabeça lentamente.

— Não que eu saiba. É mais um... desentendimento sobre como as coisas devem ser conduzidas. Quero que você deixe claro para eles que manter linhas de comunicação abertas é fundamental para a sobrevivência da nossa espécie. É imprescindível, especialmente nestes tempos difíceis, que estejamos sempre protegendo uns aos outros. Já enviei o arquivo para você.

Peguei o celular do bolso e abri o aplicativo do Dropbox para baixar o anexo. A primeira página era uma foto. A Alfa estava no centro. Ela sorria. Era mais jovem do que eu esperava. Pela aparência, poderia estar no ensino médio. Segurava um cartaz que dizia VENDIDO! em letras chamativas. Atrás dela, havia uma casa decadente, mal parecia habitável.

A sua volta, estavam três homens. Dois eram jovens. Um tinha idade o suficiente para ser seu pai, embora não fossem nada parecidos. Ele era negro. Ela era branca. Todos sorriam.

O restante do arquivo continha informações sobre o bando. Eu estava certo. A Alfa era *mesmo* jovem, acabara de completar vinte anos. Eu não conseguia nem imaginar ter tanto poder nessa idade. Vi que ela tinha herdado a posição da mãe, que falecera um ano antes.

— Nada de bruxo? — perguntei, lendo as anotações.

— Não — respondeu Michelle. — Eles nunca foram grandes o suficiente para precisar de um. A mãe dela era minha amiga. Gentil. Paciente. Disposta a trabalhar pelo bem do bando. A filha é teimosa. Mas sei que, com a motivação certa, entrará nos eixos.

Olhei para Michelle.

— Como a mãe morreu?

— Acidente de carro, acredita? A filha estava com ela, mas não se feriu gravemente. O poder de Alfa passou para ela. Desde então, tem sido... difícil. Mas, quando se é tão jovem, tende-se a ter ideias sobre como as coisas devem ser feitas. Ela não entrou mais em contato e, ao que parece, cortou comunicação conosco.

— Ela quer independência — falei, voltando a olhar a foto. Eles pareciam felizes. — Não dá para culpá-la por isso.

— Não culpo — disse Michelle, ríspida, e percebi a força em sua voz, a influência latente da Alfa. — Mas há uma diferença entre independência e rebeldia explícita. É assim que as coisas funcionam, Robbie. Você sabe disso. Ela tem seu próprio bando, sim, mas todos os lobos estão sob minha jurisdição.

Eu sabia. Havia lobos à margem, é claro, aqueles que tentavam se manter fora do alcance da Alfa de todos. E se não tinham um Alfa próprio,

corriam o risco de se tornarem Ômegas, de perderem a cabeça para o lobo, de se esquecerem completamente de que já foram humanos um dia.

E se chegasse a esse ponto, só restava uma coisa a ser feita.

Sempre era rápido. Ou pelo menos era o que diziam. Eu nunca tinha visto um Ômega ser abatido.

E nunca queria ver.

— Talvez eles só tenham se esquecido de dar notícias — sugeri. — Sabe como é. Estão ocupados vivendo suas próprias vidas. Acontece.

Eu não sabia o motivo de estar insistindo nisso. Talvez porque entendesse o desejo de ser livre, de não ter nada pairando sobre sua cabeça.

— Vamos ver — disse Ezra.

— Vamos?

Ele me olhou.

— Mas é claro, meu bem. Não achou que eu deixaria você ir sozinho, não é?

Bem, tive esperanças. E, embora parte de mim se sentisse aliviada por tê-lo comigo, outra parte queria um pouco de independência também.

— A Alfa Hughes não vai precisar de você aqui? — perguntei inocentemente.

Ele sorriu.

— Ah, tenho certeza de que ela pode se virar sem mim por alguns dias. Não é, Michelle?

— Sim — respondeu ela. — Suponho que sim.

— E não é como se fôssemos ficar fora por muito tempo — continuou Ezra. — Se mantivermos o ritmo, é um dia de carro até Fredericksburg. Estaremos de volta antes mesmo que possa sentir nossa falta.

Soltei um grunhido. Eu adorava Ezra, mas a ideia de ficar preso num carro com ele por horas era enlouquecedora. Ele tinha um péssimo gosto musical.

Ele riu, como se soubesse exatamente o que eu estava pensando.

— Não vai ser tão ruim. Vai nos dar uma chance de tomar um ar fresco. Conhecer outros lobos. — Ele tinha um brilho no olhar. — Vai ver você até conhece alguém especial.

Foda-se isso. E foda-se ele.

— Você *não* vai me empurrar para cima de outra loba. De novo não.

— Ora, por favor. Não houve empurrão nenhum. Não é minha culpa que a última fosse... bem... exuberante.

— Exuberante? — repeti, incrédulo. — Ela matou um maldito urso e deixou na frente da casa!

— Era um urso pequeno — disse Ezra a Michelle. — Provavelmente só tinha uns dois anos. Mas ainda assim, bem impressionante, se parar para pensar. Ela certamente provou seu valor. Qualquer um ficaria feliz em ter Sonari como parceira.

— Ela entrou escondida na casa e me lambeu enquanto eu estava dormindo!

— Ela queria que você cheirasse como ela. Nada de errado nisso.

Cruzei os braços e me deixei afundar na cadeira.

— Você tem uma visão muito distorcida de certo e errado. Não se *lambe* as pessoas sem consentimento. E ela é professora. Quem sabe o que anda ensinando para aquelas crianças sobre cortejar alguém?

— Vou me lembrar disso da próxima vez. Deixe um velho se divertir um pouco, Robbie. Será que é pedir demais querer ver você feliz?

Soltei um suspiro, já aceitando minha derrota. Eu nunca conseguia lidar quando ele ficava sentimental, e ele sabia disso.

— Só... quando for para acontecer, vai acontecer, certo? Eu vou saber quando for a hora certa. Não quero forçar nada.

— Eu sei. Bom, se for só isso, vou me retirar. Tenho algumas coisas a resolver antes da viagem.

Michelle assentiu.

— Está bem. Quero que mantenha contato enquanto estiver lá. Se precisar ficar mais alguns dias, me mantenha informada.

— Claro, Alfa. Robbie, daria para...

— Robbie fica.

Isso o pegou de surpresa. Ele olhou de mim para ela.

— Como é?

Michelle assumiu uma expressão rígida.

— Preciso ter uma conversa com meu segundo.

Eu a encarei, atônito. Ela nunca tinha me chamado assim antes. Eu nem sabia que isso era uma possibilidade. Claro, ela não parecia ter outro lobo que *poderia* ser seu segundo — nenhum que eu conhecesse, pelo menos —, mas ouvir essas palavras em voz alta me deu vontade de uivar de alegria.

— Claro — disse Ezra, fazendo uma reverência profunda. Então, endireitou-se e apertou meu ombro. — Tenho muito a preparar. Preciso falar com um jovem bruxo chamado Gregory. Ele é brilhante e entusiasmado, embora um pouco imprudente, sempre disparando uma pergunta atrás da outra. Me lembra alguém que eu conheço. Nos vemos em casa, certo? Sairemos bem cedo, então não fique fora até tarde.

Assenti, quase sem entender nada do que ele tinha dito. Ainda estava vidrado no *segundo*.

Ele fechou a porta ao sair, deixando-nos a sós.

Tentei encontrar palavras para expressar minha gratidão, praticamente vibrando na cadeira, mas Michelle falou primeiro.

— Você está feliz aqui, Robbie?

— Sim — respondi imediatamente. E, na maior parte do tempo, era verdade.

Ela me observou por um momento, e então assentiu.

— Esses sonhos que você está tendo.

Eu me remexi na cadeira.

— Todo mundo sonha.

— Eu sei disso. Mas esses não são diferentes?

— Sou um lobo. Sonho com lobos. Não sei sonhar de outro jeito. Sempre foi assim. — Era quase uma mentira, mas não o suficiente para que ela percebesse.

— Você é importante para mim. — Ela falou de uma forma rígida, como se não estivesse acostumada a expressar emoções. Ah, Michelle se importava com seu bando, mas, às vezes, sua preocupação parecia meio... mecânica. Quase protocolar.

— Obrigado, Alfa Hughes. Não vou decepcioná-la.

— Sei que não. — Ela lançou um olhar rápido por cima do meu ombro antes de se voltar para mim. — Preciso que tome cuidado.

Franzi a testa.

— Cuidado com o quê?

— Com os lobos da Virgínia. Eles... não sabemos o que vão fazer. O que vão dizer.

Eu não estava preocupado.

— Provavelmente é só um mal-entendido. Fácil de resolver.

— Talvez — disse ela. Começou a tamborilar os dedos na mesa de novo, um hábito que, eu suspeitava, adivinha do nervosismo. — Mas, se não for isso, faça o que for necessário para se proteger. Quero que volte inteiro. Fique perto do Ezra. Não saia do campo de visão dele.

— Tem mais alguma coisa que eu preciso saber?

Ela balançou a cabeça.

— Só fique atento, certo? Isso é tudo.

Eu me levantei ao mesmo tempo que ela. Fiquei surpreso quando ela contornou a escrivaninha e pegou minha mão. Seus olhos brilharam em vermelho, e uma onda de calma me envolveu. Era reconfortante estar ali com ela. Parte de mim se incomodava com o quão fácil era, mas eu sabia o meu lugar. Eu era um Beta. Precisava de um Alfa.

Precisava dela.

— Não precisa se preocupar comigo. Eu sei me virar.

Ela sorriu, mas o sorriso não alcançou os olhos.

— Eu sei disso. Mas você é meu. E essa responsabilidade é algo que eu levo muito a sério.

Ela ficou parada no meio do escritório enquanto eu saía.

O DIA ESTAVA CLARO QUANDO deixei a casa. Eu tive esperanças de que o inverno finalmente estivesse indo embora. O ar ainda tinha um toque gelado, mas o sol era quente.

Pensei em ir para casa, porém não estava pronto para encarar Ezra. Ainda me sentia um pouco irritado por ele estar falando de mim para Michelle, e pelas costas. Eu sabia que ele fazia isso por preocupação, mas, ainda assim, me incomodava.

E a ideia de ficar preso com ele em uma longa viagem de carro não ajudava.

Em vez de ir para casa, deixei o complexo e segui para o refúgio.

As copas densas bloqueavam a maior parte da luz do sol. Ainda havia resquícios de neve no chão. Parei ao chegar no limite das árvores, inclinando a cabeça e ouvindo os sons da floresta. Estava cheia de vida. Cervos pastavam ao longe. Pássaros cantavam, cantavam, cantavam.

Atravessei uma velha estrada de terra, pouco usada.

Eu estava sozinho.

Estiquei as mãos acima da cabeça, ouvindo as costas estalarem.

Eu precisava correr.

Deixei minhas roupas e óculos em alguns arbustos perto da estrada.

Enterrei os dedos dos pés na terra, respirando lenta e profundamente.

Começou no meu peito.

O lobo e eu éramos um só.

A primeira vez que me transformei doeu mais do que qualquer outra coisa que eu já havia sentido. Eu estava à beira da puberdade, e minha pele parecia em chamas. Gritei por dias a fio, minha voz falhando e enrouquecendo, mas, ainda assim, eu gritei.

Os lobos com quem eu estava não eram meu bando, mas eram próximos o suficiente. Eles cuidaram de mim, mesmo eu não sendo deles. O Alfa me segurou contra seu peito, afastando o cabelo suado da minha testa.

— Encontre-o — disse ele, e sua voz soou como um rosnado. — Encontre seu laço, Robbie. Encontre seu laço e segure-o com força. Deixe-o envolver você. Deixe-o puxar você até o seu lobo.

— Não consigo — gritei para ele. — Por favor, dói demais, faça parar, faça *parar*.

Suas mãos se apertaram ao meu redor, as garras afundando na minha pele.

— Eu sei que dói. Eu sei disso — disse ele. — Mas você é um lobo. E vai se transformar. Mas, antes disso, precisa encontrar o caminho de volta.

Minha coluna arqueou contra ele enquanto eu convulsionava, minhas mãos cravando-se em suas coxas. Ele grunhiu quando minhas garras surgiram nas pontas dos dedos, cortando-o, fazendo-o sangrar. Minha boca se encheu de saliva com o cheiro metálico e penetrante. O animal em mim queria rasgar e dilacerar até que ele me soltasse, mas ele era mais forte do que eu.

E logo quando eu pensei que não suportaria mais, que preferiria morrer a deixar aquilo continuar, ouvi a voz dela.

— Lobinho, lobinho, não vê? — cantarolou. — Você é o mestre da floresta, o guardião das árvores. — Ela riu. — Sempre quieto como um rato. Deixe que ouçam você agora.

Memórias podem ser coisas engraçadas.

Elas vêm quando você menos espera.

E quando você mais precisa.

Isso era tudo o que ela era. Uma memória.

Mas eu me agarrei a ela.

Aquela primeira transformação foi uma névoa de instinto sob a maior lua cheia de todas. Mal me lembro de qualquer coisa, apenas da necessidade de correr, correr, correr. Os outros lobos me seguiram, uivando tão alto que a própria terra tremia.

Mais tarde, quando não consegui mais correr, eles se enrolaram ao meu redor, minha barriga cheia de carne, e eu dormi.

A primeira transformação era sempre a mais difícil.

Agora?

Agora era fácil.

O laço estava ali, como sempre estivera.

Meus músculos começaram a tremer.

Meus ossos começaram a mudar.

Sim, havia dor, mas era uma dor *boa*, e ela doía de uma forma terrivelmente maravilhosa.

Caí de joelhos e eu era

Eu sou

lobo

*sou lobo forte e orgulhoso e esta floresta é minha esta floresta é lar este
é o meu lugar*

este é o meu lugar

este é

esquilo maldito esquilo

vou te perseguir

vou te comer

corra corra corra

uive e cante e deixe que ouçam

tem

(robbie)

(robbie)

(ROBBIE)

????

isso é

o que é isso

outro lobo

é outro lobo

quem é você

você não está aqui

onde você está

não consigo te encontrar

MAS POSSO SENTIR SEU CHEIRO

POSSO SENTIR SEU CHEIRO

(robbie robbie robbie)

por que está aqui

por que está comigo

(eu vejo você)

(eu vejo você)

o que é

quem é

quem sou

quem sou eu

eu sou

lobo

eu sou

eu sou

eu

ofeguei ao sair da transformação, caindo no chão, deslizando sobre as folhas e agulhas de pinheiro. Caí de costas, arfando enquanto olhava através do dossel acima. Havia lampejos de céu para além das folhas verdes.

Mas tudo o que senti foi o azul.

— Que porra...? — sussurrei.

Comecei a me erguer devagar do chão. Fiz uma careta enquanto um corte no meu ombro começava a se fechar. Balancei a cabeça, tentando clarear a mente.

Fiquei de pé lentamente, a cabeça inclinada.

Ouvindo.

Eu poderia jurar que havia outro lobo no refúgio.

Um que eu não conhecia.

Permaneci imóvel.

Esperando por alguma coisa. *Qualquer coisa.*

Nada aconteceu.

Olhei ao redor.

Apenas árvores.

Eu estava sozinho.

Minha pele estava arrepiada.

— Ótimo — murmurei. — Agora você está ouvindo coisas. Legal pra caralho.

Decidi voltar para casa.

NÃO CONTEI A EZRA o que pensava ter ouvido.

Tínhamos outras coisas com que nos preocupar.



me proteger/confiar em você

— JESUS CRISTO — PROTESTEI. — Como você pode chamar isso de *música*?

Ezra sorriu.

— Sinta-se à vontade para colocar a cabeça para fora da janela como um bom lobo, se achar que vai ajudar.

— Isso é especismo. Você deveria se sentir muito mal e pedir desculpas.

Mas abaixei o vidro da janela de qualquer jeito. Estava mais quente do que no Maine. Meu corpo parecia rígido e dolorido, e eu estava pronto para dar o fora daquele carro, especialmente porque havíamos passado a última hora ouvindo uma mulher se lamentar em italiano. Ezra achava que ópera me ensinaria a ser mais *culto*, mas era basicamente tortura. O fato de estarmos presos no trânsito nas proximidades de Fredericksburg, uma pequena cidade nos arredores de Washington, não ajudava. O cheiro de escapamento deixava o ar pesado, e eu tinha quase certeza de que seríamos envenenados e morreríamos.

— Me sinto muito mal e peço desculpas — repetiu Ezra obedientemente.

— Não acredito em você.

— Ah. Bem. Pelo menos eu tentei. — Porém, como ele não era um babaca *completo*, abaixou o volume da mulher gritando sobre seu amor perdido, macarrão, ou seja lá o que fosse. — Estamos quase lá.

— Você está falando isso há duas horas.

Ele me deu uma olhada rápida.

— Como é que eu não sabia que você era assim?

Pendurei minha mão para fora da janela, batucando de leve contra a lateral do carro.

— Porque nunca precisamos ir tão longe antes.

— Poderíamos ter pegado um avião.

Revirei os olhos.

— Sim. Porque um lobisomem em um tubo de metal pequeno, fechado, cheio de estranhos e crianças gritando, é sempre uma ótima ideia.

— Você nunca andou de avião antes.

Dei de ombros.

— Nunca precisei. E não gosto da ideia de estar tão... no alto. Gosto de manter os pés no chão.

O carro avançou aos poucos.

— Não é tão ruim quanto você pensa.

— Bom, eu acho que é muito, muito ruim. — Uma placa mais à frente indicava que nossa saída estava a apenas alguns quilômetros. Fiquei aliviado. Chegaríamos ao bando antes do anoitecer. — Eles sabem que estamos indo?

— Sim, eles foram avisados. Não responderam, mas fizemos a nossa parte.

— E o que vamos fazer se eles não estiverem lá?

Senti o olhar dele sobre mim.

— Onde eles estariam?

— Eu não sei. Mas, se cortaram contato com a Michelle, o que te faz pensar que vão querer ver a gente?

— Porque eles não são estúpidos — respondeu Ezra pacientemente. — Eles sabem que existem regras por um motivo. Se não estiverem lá, esperaremos por eles. Precisam voltar em algum momento. É a casa deles. Eles não a abandonariam. Território é importante para um lobo, especialmente para um Alfa.

— E se atacarem?

Ele soou surpreso.

— Por que fariam isso?

— Talvez não queiram ver a gente. Talvez haja um motivo para terem parado de responder.

— Seja qual for o motivo, nosso trabalho é garantir que eles entendam as regras e sigam todas.

Ainda não havíamos nos deparado com um bando que fosse realmente desafiador depois de os lembrarmos qual era o lugar deles. É claro que sempre haveria desentendimentos, mas Michelle não era tão inflexível a ponto de não ouvir os problemas dos lobos.

Nós éramos os emissários dela, uma extensão de sua vontade, e alguns dos bandos não gostavam de mim logo de cara por causa disso. Eu sempre explicava que entendia o lado deles e que eu era apenas um intermediário. Um pacificador. Levava suas preocupações até a Alfa de todos, e, se ela achasse que eram válidas e precisavam de sua intervenção, ela se reuniria com eles pessoalmente. Todos acabavam sentindo que tinham sido ouvidos. Às vezes, algumas mudanças eram feitas.

Às vezes, não.

Mas, ainda assim...

Isso parecia um pouco diferente.

— Se algo estranho acontecer, fique atrás de mim — falei para Ezra.

Ele riu.

— Vai me proteger, é?

— Vou.

— Acredito nisso.

— Ótimo.

— Mas você sabe que eu não preciso.

— Tanto faz. Só me deixe fazer isso, tá? Vai fazer com que eu me sinta melhor.

— Tudo bem, Robbie. Como quiser.

Continuamos dirigindo.

ELES ESTAVAM À NOSSA ESPERA.

Viviam logo além dos limites de Fredericksburg, e a cidade dava lugar a vastas terras agrícolas à medida que avançávamos. Fiquei desconcertado pelos extensos campos que substituíam as árvores, mas cada um com suas preferências. Tinha certeza de que encontravam um lugar para correr quando precisavam.

O GPS nos levou até um caminho de cascalho no final de uma estrada de mão única. O sol estava começando a se pôr, e o céu tinha a cor de um hematoma profundo. Trovões ecoavam à distância, atrás de nuvens carregadas.

Pulei no assento quando o carro passou por um buraco fundo. Eu me virei para rosnar para Ezra e mandá-lo diminuir a velocidade, mas ele parou, suas mãos calejadas apertando o volante enquanto olhava fixamente para frente.

O caminho de cascalho se abria em um grande círculo diante de uma casa antiga. Era diferente da foto que Michelle tinha me enviado. A casa da foto parecia completamente acabada, como se fosse mais fácil derrubá-la do que consertá-la. Esta parecia ter passado por uma boa reforma. A pintura na varanda era nova, assim como as persianas. O telhado e o revestimento tinham sido substituídos. A estrutura da casa era a mesma, mas haviam conseguido deixá-la quase como nova.

E estavam todos parados na frente dela.

Minha pele se arrepiou com o desconforto de estar no território de uma Alfa desconhecida sem permissão.

Um homem negro mais velho estava à frente dos outros, com os braços cruzados sobre o peito enquanto nos observava através do para-brisa. Sua expressão era impassível, mas os olhos brilhavam em um laranja intenso. Mesmo com o motor do carro ainda ligado, eu conseguia ouvir o rosnado baixo em sua garganta.

Dois homens mais jovens estavam atrás dele. Gêmeos fraternos, uma raridade naqueles nascidos lobos. Ambos eram pálidos, com cabelos pretos e cacheados. Um era mais magro do que o outro e parecia nervoso, seus olhos passaram rapidamente para o irmão antes de voltar para nós.

O outro estava com uma expressão carrancuda no rosto. Braços e peito maciços de músculos. Eu tinha anos de vantagem sobre eles. Se o arquivo estivesse correto, tinham pouco mais de dezessete anos.

O homem mais velho inclinou ligeiramente a cabeça. Parecia prestes a falar, mas, em vez disso, deu um passo para o lado, revelando a Alfa.

Ela parecia exausta e tão pálida quanto os gêmeos. Olheiras escureciam a pele sob seus olhos, e ela estava mais magra do que na foto, que tinha sido tirada há apenas alguns meses. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo frouxo, e os olhos pareciam sem vida até o momento em que se encheram de vermelho. A sensação me atingiu como uma onda, estranha e imediata.

Ela estava furiosa.

Resignada, mas furiosa.

Eles estavam à nossa espera.

Ezra franziu a testa, com os nós dos dedos brancos no volante.

— Desligue o carro — falei baixinho. — E fique aqui dentro. Esteja pronto para sair se eu mandar.

— Mas...

— Por favor.

Ele suspirou.

— Pode me ouvir por um momento antes de sair totalmente despreparado?

— Sim. Sempre. — Minhas presas coçavam nas gengivas. — Mas eles estão ouvindo tudo o que estamos falando.

Ele sorriu discretamente.

— Eu sei. Eles estão com medo, embora não precisem estar. Não estamos aqui para machucá-los. Mantenha a calma. Somos todos parte de um bem maior. Às vezes, precisamos ser lembrados disso. Você é um bom garoto, Robbie. Tenho fé em você. Eles ainda não. Mas vão ter.

Inspirei profundamente e soltei o ar devagar.

Estendi a mão para a maçaneta da porta. Estava prestes a puxá-la quando Ezra acelerou o motor. O som foi alto contra o silêncio, abafando qualquer outro ruído. Os lobos à nossa frente estremeceram. Ele se inclinou rapidamente, seu hálito quente contra meu ouvido.

— Fale pouco, mas escute bem — sussurrou.

Ele tirou o pé do acelerador, deixando o carro em marcha neutra.

Eu o encarei e balancei a cabeça.

Ele desligou o carro enquanto eu estava abrindo a porta, empurrando meus olhos para cima no rosto.

Os lobos Beta rosnaram em uníssono, mas fizeram silêncio quando a Alfa levantou a mão.

O cascalho rangia sob meus pés enquanto eu andava até a frente do carro, mantendo uma distância entre nós. Eu não era estúpido o suficiente para acreditar que poderia me aproximar mais sem um convite. Já estávamos invadindo o território deles.

Minhas palmas suavam, e eu cerrei os punhos. As garras ainda não haviam saído, mas estavam perto. Eu não perdia o controle da transformação desde que era um filhote. Não sabia por que parecia tão iminente agora. Abri a boca e estalei a mandíbula, mantendo minhas presas sob controle apenas pela força de vontade. Uma demonstração de agressividade seria a pior coisa naquele momento.

Então, fiz o que me ensinaram.

Inclinei a cabeça para o lado, expondo o pescoço. Olhei para a Alfa.

— Não viemos causar nenhum mal — falei em voz baixa. — Venho em nome da Alfa de todos, que manda seus cumprimentos. A Alfa Hughes está preocupada com vocês. Ela não tem notícias suas há algum tempo.

— Estamos bem — rosnou o irmão maior. — Não precisamos de vocês. Vão embora.

— John — repreendeu a Alfa. Ela virou a cabeça para o lado, mas sem tirar os olhos de mim. — Nem mais uma palavra.

John parecia prestes a discutir, mas fechou a boca em silêncio, dirigindo-me um olhar furioso.

— Se eu pedisse para que fossem embora e dissessem à Alfa Hughes que agradecemos a preocupação, fariam isso? — perguntou a Alfa.

— Provavelmente não — respondi com honestidade. — E mesmo que sim, teríamos que voltar, possivelmente em maior número.

Os irmãos não gostaram disso. Suas presas apareceram.

— Mas eu não quero que isso aconteça — acrescente rapidamente. — Prefiro que fique apenas entre nós.

A Alfa soltou uma risada sarcástica.

— Apenas entre nós. E quem mais você contar quando retornar.

Ela era esperta. Eu deveria me lembrar disso.

— Só aqueles que precisam saber. Não sou de espalhar os assuntos dos bandos para quem não tem a ver com isso.

Ela ficou em silêncio, sempre observando. Então, disse:

— Quem é você? — Olhou para o carro e depois de volta para mim.

— E quem é o bruxo?

— Ele se chama Ezra. É o bruxo da Alfa de todos.

Ela pareceu confusa.

— Eu pensei... o que aconteceu com o bruxo anterior dela?

Eu não fazia ideia do que ela estava falando. Ezra era o bruxo de Michelle há muito tempo.

— Acho que você está enganada. Eu só conheço Ezra. Mas não estou lá há tanto tempo. Talvez houvesse alguém antes, mas agora é ele.

Ela assentiu lentamente.

— E você é?

— Robbie. Robbie Fontaine.

Os irmãos continuaram a me fuzilar com o olhar.

A expressão da Alfa não mudou.

Mas a do homem mais velho... Foi algo fugaz, quase imperceptível. Apareceu e imediatamente desapareceu.

Como se ele reconhecesse meu nome.

Pelo visto, minha reputação havia chegado antes de mim. Eu não sabia se isso era bom ou não.

— Robbie — repetiu a Alfa. — Robbie Fontaine.

— Sim.

E então ela perguntou:

— Quem é você? — Como se fosse *mais* do que apenas uma pergunta, *mais* do que as palavras pareciam indicar.

Lobinho, lobinho, não vê?

Aquilo puxava.

Aquilo chamava.

— Sou o segundo da Alfa Hughes — respondi, e o impulso de me transformar era áspero e irritante.

Ela balançou a cabeça.

— Eu sei disso. Posso *perceber* isso. Não é o que estou perguntando.

Abri a boca — para dizer o quê, eu não sabia — quando o carro rangeu atrás de mim.

Os lobos desviaram os olhos de mim para Ezra, que saía do carro. Praguejei silenciosamente enquanto ele grunhia. Veio mancando até o meu lado, estremecendo com as dores de seu corpo envelhecido. Murmurou algo sobre os idiotas diante dele.

— Eu disse para você ficar no carro — falei baixinho, embora todos pudessem me ouvir.

— Me pareceu que você precisava de reforços — comentou ele, soando muito mais alegre do que a tensão da situação requeria. Ele esbarrou o ombro no meu, e então se inclinou o máximo que pôde em um cumprimento. A dor nas costas quase não alterou sua expressão. — Alfa. Obrigado por nos ouvir. Como meu jovem amigo disse, não viemos causar nenhum mal. Tudo o que pedimos é uma troca de informações. Nada mais.

— Uma troca? — perguntou a Alfa perigosamente. — Uma troca implica que vocês têm algo que eu queira.

— Ah, imagino que possamos encontrar algo — disse Ezra calmamente. — Tudo o que pedimos é que nos escute, e prometemos fazer o mesmo. Dou minha palavra.

A Alfa pareceu relaxar um pouco. Ela assentiu para nós dois, e então olhou para o seu bando. Não sei o que viram no rosto dela, mas não pareceram satisfeitos. Ela se voltou para nós novamente.

— Uma noite — falou. — Podem dormir no celeiro. Pela manhã, vocês vão embora, não importa o que tenha sido discutido.

— Combinado — respondeu Ezra como se fosse a coisa mais fácil do mundo.

— Meu nome é Shannon Wells — disse ela, a voz mais baixa. — E eu sou a Alfa. Estes são John e seu irmão, James.

A carranca de John se intensificou.

James deu um pequeno e nervoso aceno.

— E este é o meu segundo — contou Shannon, apontando com a cabeça para o outro homem. — Malik.

Malik não disse uma palavra.

— Vocês são bem-vindos em meu território — informou Shannon. — Mas, se eu suspeitar de qualquer coisa imprópria acontecendo, matarei os dois, e que se danem as consequências. Acreditam em mim?

— Sim — afirmou Ezra. — Acredito.

— Ótimo. Estacionem o carro ao lado do celeiro. Já está quase na hora do jantar. Podem se juntar a nós, se desejarem. Tenho certeza de que têm muito a dizer, queira eu ouvir ou não.

O INTERIOR DA CASA ERA mais moderno do que eu esperava, embora ainda parecesse estar sendo redecorado. O leve cheiro de tinta fresca indicava que a pintura havia sido feita há um ou dois meses. Mas, principalmente, o lugar cheirava a eles quatro, como a casa de um bando deveria ser.

À esquerda da entrada, havia uma ampla sala de estar, com um sofá em forma de “L” em torno de uma TV montada acima de uma lareira. Achei engraçado ver uma pilha de antigos filmes de terror em preto e branco em uma estante. Todos pareciam ser sobre lobisomens.

— Eu gosto deles — disse uma voz.

Virei a cabeça e vi James parado ao meu lado, torcendo as mãos nervosamente.

— É mesmo? Já vi vários desses. São bem legais. Engraçados. Tem muitas coisas erradas, mas algumas nem estão tão longe da realidade. Faz a gente pensar se algum lobo acabou trabalhando neles, sabe?

Ele assentiu, parecendo aliviado.

— É...

— Jimmy — John o interrompeu em um tom ríspido. — Venha aqui.

Os olhos de Jimmy se arregalaram e ele deu um passo para trás, na direção do irmão. John passou um braço sobre os ombros dele e olhou para mim como se achasse que eu estava prestes a atacá-lo. Sua expressão se suavizou ao olhar para Jimmy. Ele se inclinou e deu um beijo na lateral da cabeça dele.

— Fique aqui comigo, pode ser?

Jimmy pareceu irritado, mas não discutiu.

Malik desapareceu escada acima sem nem olhar para trás no momento em que Ezra cruzava a entrada. Shannon entrou logo depois e fechou a porta.

— Nenhuma barreira — disse Ezra, como se estivesse comentando sobre o clima.

— Nenhum bruxo — respondeu Shannon. — Mas acho que você já sabia disso.

— Eu poderia ajudar com isso, se for do seu interesse.

— Não, não me interessa nem um pouco.

A única resposta de Ezra foi assentir. Ele continuou de pé com as mãos cruzadas nas costas, esperando Shannon ir na frente.

— O andar de cima é proibido — informou ela, e eu não conseguia parar de pensar em quão jovem era. — Não quero vocês nos nossos quartos. Malik tem um escritório lá no fundo onde ele trabalha, podemos usá-lo depois do jantar.

— Claro — falou Ezra. — O que achar melhor, Alfa.

Ele olhou para mim e sorriu.

O JANTAR FOI, EM UMA palavra, constrangedor.

Malik permaneceu em silêncio, sempre observando.

Jimmy tentou manter a conversa ativa, mas toda vez que eu tentava responder, John mandava o irmão calar a boca.

Shannon não parecia nem um pouco incomodada. Eu não a culpava.

Foi só quando Ezra falou, no meio da refeição, que o clima mudou.

Ele limpou a boca de uma forma quase delicada e colocou o guardanapo de volta no colo.

— John, não é?

John apertou o garfo com mais força.

— Sim. E daí?

— Você está bem?

— Ótimo.

— Está feliz?

— Sim. — Ele não parecia feliz.

Ezra assentiu, olhando para Jimmy.

— Você cuida do seu irmão, pelo visto.

John olhou para Shannon, que fez um gesto com o queixo em resposta.

— Cuido, sim — disse ele. — Mas ele também cuida de mim. É o que fazemos um pelo outro. Somos um bando.

— Ele é maior — contou Jimmy, parecendo orgulhoso.

— E ele é mais esperto — retrucou John, parecendo irritado, mas não com o irmão. Toda a raiva em sua voz era direcionada a nós. Eu me perguntava o que ele andara ouvindo por aí. E por que sua hostilidade era tão evidente.

— Ótimo — falou Ezra. — Mantém as coisas em equilíbrio. Vocês dependem um do outro.

— Mas podemos nos cuidar sozinhos — rebateu John. — Jimmy pode até ser pequeno, mas consegue acabar com vocês se precisar.

— Sou durão — concordou Jimmy.

Shannon suspirou.

Malik não disse uma palavra.

— Aposto que é — comentei. — As pessoas fazem suposições sobre coisas que não deveriam. Aposto que prova que elas estão erradas o tempo todo.

Jimmy sorriu para mim.

John não.

— E vocês vão pra escola? — perguntou Ezra como se estivéssemos entre amigos.

Eles olharam para Shannon novamente. Ela assentiu.

— Estamos quase terminando o penúltimo ano — disse John a contragosto. — Faltam algumas semanas para as férias de verão.

— E tem outros lobos na escola de vocês?

Jimmy balançou a cabeça.

— Não. Somos os únicos. E não contamos pra ninguém sobre isso. — Ele se remexeu na cadeira. — Foi uma promessa.

— Fico feliz em ouvir isso — afirmou Ezra. — A maioria das pessoas não entenderia.

Malik pigarreou e falou pela primeira vez. Seu sotaque era mais forte do que eu esperava, e ele soava doce, quase musical.

— E vocês deveriam estar estudando para as provas finais, já que terminaram de comer, não é?

Jimmy soltou um grunhido.

John revirou os olhos.

— Isso mesmo — continuou Malik. — Que vida difícil vocês têm. Vamos lá, vamos lá. Eu cuido dos afazeres hoje à noite. Jimmy, quero ver aquele livro de matemática aberto. John, eu revisei sua redação e fiz algumas sugestões. Leia e faça as alterações que achar necessárias.

Jimmy parecia que ia reclamar, olhando para mim, mas John o agarrou pelo braço e o puxou em direção às escadas.

Shannon olhou para o teto enquanto os meninos faziam um barulho equivalente a uma dúzia de pessoas.

— Eles vão ouvir cada palavra que vocês disserem, mesmo que não devam.

— Não estamos *ouvindo*! — gritou Jimmy de algum lugar acima de nós.

— Com certeza vão — disse Ezra com uma risada. — Não é todo dia que eles podem ter notícias de outro bando.

Malik e Shannon trocaram olhares.

— Estamos bem por conta própria. Não precisamos de mais ninguém.

— Lobos são criaturas de bando — falou Ezra.

— E nós temos um bando.

Ezra bebericou seu chá.

— Estou vendo. Sua mãe os acolheu, certo? Quando eles não tinham mais ninguém?

— Sim. Estão com a gente desde pequenos. Não conhecem mais ninguém. — Ela semicerrou os olhos. — E não vão precisar. Eles não vão a lugar nenhum. — Era um desafio.

Fiquei alarmado.

— Ah, ei, não. Claro que nada vai acontecer. Não é por isso que estamos aqui. — E, porque parecia certo, acrescentei: — E sinto muito pela sua mãe. A Alfa Hughes falou muito bem dela.

Shannon me encarou sem esboçar qualquer reação.

— Por que vocês estão aqui? — perguntou Malik.

— Porque a Alfa Hughes estava preocupada — respondi. — Ela se importa com todos os lobos. Não está tentando tirar nada de vocês. Nem seu bando. Nem seu território. Tudo o que ela quer são linhas abertas de comunicação. Juntos somos mais fortes do que jamais seremos separados. A união faz a força.

— Proteção — disse Shannon, girando a colher ao lado do prato repetidamente.

— Exato — falei, aliviado.

— Proteção de quê? — perguntou Malik.

Eu pestanejei.

— Do mundo lá fora.

Shannon soltou uma risada sarcástica.

— E o que vocês sabem sobre isso? A Alfa Hughes fica o dia inteiro sentada em um trono dentro do seu reino murado. Ela não sabe nada sobre nós. Sobre o que significa estar no mundo lá fora.

Olhei para Ezra. Ele não olhou para mim.

— Isso não é verdade. Ela... ela estaria aqui pessoalmente, se pudesse. Shannon percebeu a traiçoeira hesitação em meus batimentos cardíacos.

— Duvido muito disso.

— Seja como for — interrompeu Ezra —, não custaria nada dar notícias de vez em quando. Isso evita... complicações. Shannon, se pudermos...

— Alfa Wells.

Ezra não se abalou.

— Alfa Wells, se pudermos conversar em particular. Só nós dois. Tenho certeza de que posso transmitir o que meu jovem amigo aqui quer dizer quando fala sobre a força dos números.

Houve um longo momento de silêncio. Tentei chamar a atenção de Ezra para dizer que era uma má ideia, que Michelle queria que ficássemos juntos, mas ele só tinha olhos para a Alfa.

E então:

— Certo. — Shannon se levantou da cadeira. — Malik, usaremos seu escritório.

Ele assentiu.

— Tem certeza?

— Tenho. Quanto mais rápido ouvirmos o que eles têm a dizer, mais rápido irão embora.

— É tudo o que peço — disse Ezra. Ele grunhiu enquanto se levantava devagar. Parecia rígido, mais do que o normal. Aquela viagem de carro não tinha feito bem ao seu corpo. Eu teria que ficar de olho nele. — Robbie, você não quer ajudar Malik a limpar a mesa? É o mínimo que podemos fazer pelos nossos anfitriões.

Não, eu *não* queria ajudar Malik a limpar a mesa. Mas Ezra me dirigiu um olhar que dizia para manter a boca fechada. Eu sabia que ele podia cuidar de si mesmo, porém os lobos caçavam dividindo e conquistando. Só esperava que eles não achessem que Ezra era o mais fraco de nós dois. Estariam enganados.

Shannon conduziu Ezra para fora da sala de jantar, através do corredor. Ouvi uma porta se fechar, e as palavras e os batimentos cardíacos deles desapareceram.

— É à prova de som — disse Malik. — Você entende.

Flexionei as mãos sobre minhas coxas.

— Claro. Ela... ela parece ser uma boa Alfa.

— Ela é.

— E John e Jimmy parecem legais.

— Eles são.

Lambi os lábios.

— Isso é tudo o que importa.

Malik pareceu achar graça.

— É mesmo? Que gentil da sua parte dizer isso. — Ele se levantou e começou a recolher os pratos da mesa. Não querendo parecer rude, levantei-me e fiz o mesmo.

Ele foi na frente até a cozinha. A janela acima da pia estava aberta, e os grilos cantavam, os sapos coaxavam. Coloquei os pratos na pia. Estava prestes a voltar para buscar mais quando ele disse:

— Robbie Fontaine.

— Sim? — Uma gargalhada explodiu logo acima. A casa se acomodou ao nosso redor, seus ossos rangendo e se movendo.

— De onde você é? — Ele não estava olhando para mim. Em vez disso, encarava a janela.

- Caswell.
- Desde sempre?
- Não. Eu... me desloquei bastante.
- Ah é?

Esfreguei o pescoço. Ezra não era o único que estava sofrendo as consequências da interminável viagem de carro.

- Longa história.
- Acho que todos temos essas.
- Sim, acho que sim. Não é... importante. Fiquei órfão quando criança. Alguns bandos me acolheram. Um deles me ajudou na minha primeira transformação, e fiquei com eles por um tempo.

— Mas?

Dei de ombros.

— Não sei. Eu gostava de estar em movimento. Sei que não é o ideal para um lobo. Laços do bando e tudo o mais. Mas parecia a coisa certa para mim. Eu queria ver o máximo do mundo possível.

Malik se virou, encostando-se na pia.

— E o que você viu?

— O que há de bom em nós — falei com sinceridade. — Os lobos... talvez não tenhamos mais os números que costumávamos ter, e talvez nem sempre concordemos com a maneira como as coisas são, mas bando é bando. Isso é importante. Fui aceito na maioria dos lugares onde estive. E, embora os laços entre nós fossem sempre temporários, era o suficiente.

— Para manter o Ômega sob controle.

— Sim. Exatamente. Nunca corri riscos. Eu me conhecia bem o suficiente para nunca deixar que isso acontecesse comigo. E então fui convocado para Caswell, e estou lá desde então.

— Convocado? Onde você estava antes?

Franzi a testa para ele.

— Antes?

— Antes de ser convocado.

Balancei a cabeça. Estava começando a latejar.

— Não importa. Tudo o que importa é que Ezra foi me buscar, dizendo que eu era necessário.

— Para a Alfa Hughes.

Não gostei da censura em sua voz, apesar de não poder exatamente culpá-lo por isso.

— Eu sei que ela tem uma... reputação. Mas não sei se é merecida. Não consigo imaginar como é ser um Alfa, sabe? Todo aquele poder. Mas ser

a Alfa de todos? Um lobo deve pagar um preço caro por isso. Ela dá conta do recado — acrescentei rapidamente. — Apenas dê uma chance, pode ser? Não sei o que Shannon ouviu por aí. Não sei o que aconteceu com ela. Sei que é horrível ter pedido a mãe do jeito que ela perdeu e ter se tornado algo antes mesmo de cogitar a possibilidade. E admiro o que ela construiu aqui. Mas eu não estava mentindo quando disse que somos mais fortes juntos.

— Temporária.

Franzi a testa.

— O quê?

— A Alfa de todos. Michelle Hughes. Ela é temporária. Não deveria ser...

Tropecei. Não sabia o que tinha acontecido. Em um segundo eu estava ouvindo Malik, absorvendo suas palavras, e no próximo, a dor na minha cabeça explodiu com um baque surdo. Minhas presas desceram, cortando meu lábio. O sangue escorreu pelo meu queixo. Fiquei surpreso ao ver minhas garras expostas quando levei as mãos à cabeça, pressionando-as contra o crânio.

Era

(lobinho lobinho)

como se eu tivesse perdido o controle, como se eu não conseguisse

(não vê)

respirar, eu não conseguia respirar e me *transformaria* ali mesmo naquela casa e

(eu vejo você eu vejo você eu)

eu tinha que sair, eu tinha que sair para não machucar ninguém, para não machucar aqueles garotos

(nunca vou te deixar ir)

porque eu *nunca* machucaria ninguém, *nunca*...

— Robbie — disse Malik.

E, assim, tudo acabou.

Olhei para cima enquanto abaixava as mãos lentamente. Minhas presas haviam recuado, as garras tinham retraído.

Malik me observava com cautela. Suas próprias garras estavam à mostra, e seus olhos brilhavam em laranja.

— Desculpe. — Engasguei, limpando o sangue do lábio. — Eu não... eu não queria... não sei o que diabos acabou de acontecer.

— Você perdeu o controle da transformação. — Ele não se aproximou de mim.

— É, mas não sei o que desencadeou isso. — Sacudi a cabeça, tentando dissipar a névoa. — Juro que não acontecia há anos. Se tivesse acontecido recentemente, juro que eu nunca teria vindo. Michelle não teria me enviado. Eu jamais colocaria aqueles garotos em perigo.

As garras dele recuaram lentamente.

— Acredito em você. — Ele hesitou. Olhou para o corredor. Os únicos sons eram os estalos da casa e os garotos no andar de cima. — Posso confiar em você?

Fui pego de surpresa.

— Hã... sim? Quero dizer, sim. Claro que pode.

Ele se moveu mais rápido do que eu esperava. Segurou meus braços com as mãos, sua bochecha roçando na minha. Meus olhos se fecharam involuntariamente ao toque de outro lobo. Não era algo sexual, era instintivo. Ele era um estranho, mas o contato era quente. Havia um cheiro nele, algo que eu não conseguia captar direito. Era esmaecido, como um sonho.

— Hoje à noite — sussurrou ferozmente. — Depois que seu bruxo dormir. Me encontre atrás da casa. Não diga nada a ninguém.

E então eu estava sozinho na cozinha.

— NÃO É GRANDE COISA — disse Shannon ao abrir a porta do celeiro —, mas dará conta por uma noite.

— Não é o pior lugar onde já dormi — comentei, e ela me olhou de um jeito estranho. Dei de ombros. — Pântano. Longa história. Muitos insetos. Peguei um carrapato no meu... quer saber? Acho melhor deixar isso quieto. Você não precisa ouvir sobre insetos nas minhas partes.

— Certo — respondeu ela lentamente. — John e Jimmy trouxeram cobertores e travesseiros. Fizeram um estrado para vocês. É tudo novo, então o cheiro do bando não deve ser muito forte.

— Vocês recebem muitas visitas? — perguntei, olhando para o mezanino de feno acima de nós. Duas lâmpadas nuas pendiam do teto, lançando uma luz fraca. Cheirava ao bando, mas havia algo mais. Algo diferente. Como se outro lobo tivesse estado ali em algum momento.

— Melhor prevenir do que remediar — disse ela. Malditos Alfas. Sempre enigmáticos.

— Servirá perfeitamente — afirmou Ezra. — Você é muito gentil, Alfa Wells. Fico feliz por termos feito essa viagem. Acredito que a Alfa Hughes ficará satisfeita ao saber deste lugar e de tudo o que você construiu.

— Suponho que sim — respondeu Shannon. — Ofereceríamos café da manhã, mas os garotos têm aula, e eu tenho que trabalhar. É uma loucura por aqui de manhã. Não sobra tempo para nada.

— Não é necessário. Partiremos ao amanhecer. A viagem de volta é longa, e queremos chegar em casa o mais rápido possível.

— Aposto que sim — falou Shannon, num tom impassível. — Cumprirei minha parte do acordo desde que cumpram a de vocês.

Ela dirigiu um último olhar para mim, e então saiu do celeiro, fechando a porta atrás de si.

Esperamos até que seus passos chegassem à casa. Eu abri a boca para falar, mas Ezra balançou a cabeça. Ele ergueu um pouco a manga da camisa e pressionou os dedos contra uma tatuagem desbotada. Ela brilhou fracamente e os sons do lado de fora do celeiro foram abafados. A magia dele me envolveu como uma onda reconfortante.

Ele suspirou.

— Pronto. Não devem conseguir nos ouvir, mas o feitiço não é forte o suficiente para que percebam, a menos que voltem. Não quero irritar a Alfa. — Ele parecia exausto.

Eu o segurei pelo braço e o levei até a pilha de cobertores no fundo do celeiro.

— O que houve com ela?

Ezra abriu um sorriso tenso.

— Ela é jovem. Teimosa. Não muito diferente de um certo lobo que eu conheço.

— Tá, tá.

Ele riu, mas parecia cansado.

— Ela guarda uma mágoa, e não sei se posso culpá-la. A perda da mãe foi dolorosa. Ela não teve tempo para se preparar.

Eu o ajudei a se acomodar no estrado, garantindo que ficasse com a maior parte dos cobertores. Agora que estava escuro, o ar esfriara, e eu não queria que ele adoecesse. Eu poderia lidar com um pouco de frio.

— Deve ter sido um choque.

— E foi — disse Ezra. Ele deu um tapinha no cobertor ao seu lado e eu me deitei ali. Me espreguiceei, grunhindo quando minhas costas estalaram. — Ter tanto poder sem aviso prévio já seria difícil para qualquer um. Mas somando isso com a perda da Alfa, que *também* era sua mãe... bem... ela sentiu que precisava proteger o que restava.

Virei a cabeça para ele, encostando minha testa em seu quadril. Ele levou uma das mãos ao meu cabelo.

— Ela contou tudo isso para você?

— Contou, sim. Acho que ela só precisava de alguém para ouvi-la. Alguém que pudesse entender.

Isso era um território desconhecido. Ezra sabia o que era perder alguém, assim como todos nós, mas pelo que pude entender, a perda dele tinha sido catastrófica. Sua família inteira lhe fora brutalmente arrancada. Pelos fragmentos que consegui reunir, os culpados eram lobos renegados. Eu não compreendia como ele ainda podia falar de perdão depois daquilo. Eu odiava os caçadores, e não apenas pelo que representavam. Eles nos tiraram tudo. Eu jamais poderia perdoar isso. Não importava quem fosse. Eu queria matar cada um deles. Eu jamais esqueceria.

— Fico feliz que ela tenha tido você para conversar — murmurei.

Ele cantarolou baixinho enquanto me fazia um cafuné. Eu me recusei a soltar qualquer ruído de prazer, embora já estivesse quase me virando de barriga para cima como um filhote.

— E eu fico feliz por ter você, meu bem. Não sei o que eu faria... o que é isso?

Ele afastou a mão do meu cabelo e a levou até o canto da minha boca. Pressionou um dedo contra minha pele, e eu o afastei.

Na ponta do dedo dele, havia uma crosta endurecida de sangue que eu não havia limpado.

— Mordi o lábio — respondi rapidamente. — Sem querer.

Ele ergueu o dedo, observando a crosta.

— Foi só isso mesmo?

Posso confiar em você?

— Sim. Foi só isso. Precisamos dormir. Temos uma longa viagem amanhã. Vou até deixar você colocar suas músicas horríveis.

Ele riu enquanto se ajeitava no travesseiro.

— Que generosidade a sua. Sabe, se você fosse um pouco mais culto, talvez pudesse...

— Isso nunca vai acontecer.

Sorri ao sentir o leve tapa que ele me deu na cabeça.

Um segundo depois, a magia ao nosso redor desapareceu e os grilos voltaram a cantar.